

Escólios a um texto implícito



Nicolás Gómez Dávila
1913 – 1994

Nicolás Gómez Dávila



Escólios a um texto implícito

Seleção de Rosa Emilia Gómez de Restrepo



Tradução de Alan Coêlho de Séllos

Posfácio de Franco Volpi

Te
Jessitura

Belo Horizonte • 2013

Direitos de edição brasileira em língua portuguesa reservados à

TESSITURA EDITORA, 2013

Capa & Projeto Gráfico

 Milton Fernandes

Assessoria Editorial

Ivan Ielizárov

Revisão

Tessitura Editora

Tradução

Alan Coêlho de Séllos

Editora Responsável

Maria Adélia Vasconcelos Barros

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Nina C. Mendonça – CRB 1228-6

G633e

Gómez Dávila, Nicolás, 1913-1994.

Escólios a um texto implícito / Nicolás Gómez Dávila; seleção de Rosa Emilia Gómez de Restrepo; tradução de Alan Séllos; posfácio de Franco Volpi. – Belo Horizonte : Tessitura, 2013.

344 p. : ret..

Título original: Escolios a un texto implícito.

Bibliografia: 335-342.

1. Máximas. 2. Aforismos e apotegmas. I. Gómez de Restrepo, Rosa Emilia.
II. Séllos, Alan. III. Volpi, Franco. IV. I. Título.

CDD: 398.9

Fotografias do autor gentilmente cedidas por

Rosa Emilia Gómez de Restrepo

Fotografia da capa

 Milton Fernandes © SÉRIE 2011

TESSITURA EDITORA

Av. do Contorno, 5351 . sala 1601

30110-923 . Belo Horizonte . MG

Brasil . [55] 31 3262 0616

tessituraeditora.com.br

SUMÁRIO

13

ESCÓLIOS A UM TEXTO IMPLÍCITO

~ TOMO I ~

(SELEÇÃO)

95

ESCÓLIOS A UM TEXTO IMPLÍCITO

~ TOMO II ~

(SELEÇÃO)

179

NOVOS ESCÓLIOS A UM TEXTO IMPLÍCITO

~ TOMO I ~

(SELEÇÃO)

227

NOVOS ESCÓLIOS A UM TEXTO IMPLÍCITO

~ TOMO II ~

(SELEÇÃO)

275

SUCESSIVOS ESCÓLIOS A UM TEXTO IMPLÍCITO

(SELEÇÃO)

317

~ POSFÁCIO ~

UM ANJO CATIVO NO TEMPO

FRANCO VOLPI

335

BIBLIOGRAFIA


~~~~~  
*Quel fanatisme! exclama le  
pharmacien, en se penchant  
vers le notaire.*





~~~~~  
*¡Oh! Pues si no me entienden
– respondió Sancho – no es
maravilla que mis sentencias
sean tenidas por disparates.*

ὀλιγόστιχα μὲν, δυνάμεως δὲ μεστὰ

Diogenes Laertius, *De clarorum philosophorum vitis*, VII, 165

*A hand, a foot, a leg, a head,
Stood for the whole to be imagined.*

W. Shakespeare, *The Rape of Lucretia*, 1427-8

*Aux meilleurs esprits
Que d'erreurs promises!*

*Ni vu ni connu,
Le temps d'un sein nu
Entre deux chemises!*

P. Valéry, *Le Sylphe*, 10-14

*Dass es sich hier um die lange Logik einer ganz bestimmten
philosophischen Sensibilität handelt und nicht um ein Durcheinander von
hundert beliebigen Paradoxien und Heterodoxien, ich glaube, davon ist
auch meinen wohlwollendsten Lesern nichts aufgegangen.*

F. Nietzsche, *Carta a Georg Brandes*, Nice, 8 de janeiro de 1888 (III, 281)

*Et miraris quod paucis placeo, cui cum paucis convenit,
cui omnia fere aliter videntur ac vulgo a quo semper quod
longissime abest id penitus rectum iter censeo.*

F. Petrarca, *Epistolae rerum familiarium*, XIX, 7

ESCÓLIOS A UM TEXTO IMPLÍCITO

~ TOMO I ~
(SELEÇÃO)

— Os homens mudam menos de idéias que as idéias de disfarce.
No decurso dos séculos, as mesmas vozes dialogam.

— O leitor não encontrará aforismos nestas páginas.

Minhas breves frases são os toques cromáticos de uma composição "pointilliste".

— É fácil crer que participamos de certas virtudes quando compartilhamos os defeitos que implicam.

— Os que choram pela estreiteza do meio em que vivem pretendem que os acontecimentos, os vizinhos, as paisagens lhes dêem a sensibilidade e a inteligência que a natureza lhes negou.

— Adaptar-se é sacrificar um bem remoto a uma urgência imediata.

— O amadurecimento do espírito começa quando deixamos de sentir-nos encarregados do mundo.

— Nada sói ser mais difícil que não fingir compreender.

— O amor é o órgão com que percebemos a inconfundível individualidade dos seres.

— A liberdade não é fim, senão meio. Quem a toma por fim não sabe que fazer quando a obtém.

— Satisfazer o orgulho do homem é quiçá mais fácil do que nosso orgulho imagina.

— Há mil verdades, o erro é um.

— Nossa última esperança está na injustiça de Deus.

— Para Deus não há senão indivíduos.

— Quando as coisas nos parecem ser só o que parecem, logo nos parecem ser menos ainda.

— O psicólogo habita os subúrbios da alma, como o sociólogo, a periferia da sociedade.

— Uma presença voluptuosa comunica seu esplendor sensual a tudo.

— Todo fim diferente de Deus nos desonra.

— Só a liberdade limita as abusivas intervenções da ignorância.

A política é a ciência das estruturas sociais adequadas à convivência de seres ignorantes.

— Uma “sociedade ideal” seria o cemitério da grandeza humana.

— Depois de toda revolução, o revolucionário ensina que a revolução verdadeira será a revolução de amanhã.

O revolucionário explica que um miserável traiu a revolução de ontem.

— Os parlamentos democráticos não são recintos onde se discute, mas onde o absolutismo popular registra seus editos.

— O burguês entrega o poder para salvar o dinheiro; depois, entrega o dinheiro para salvar a pele; e finalmente o enforcam.

— Burguesia é todo conjunto de indivíduos inconformados com o que têm e satisfeitos com o que são.

— Os marxistas definem economicamente a burguesia para ocultar-nos que pertencem a ela.

— O militante comunista antes de sua vitória merece o maior respeito.

Depois, não é mais que um burguês atarefado.

— O amor ao povo é vocação de aristocrata. O democrata não o ama senão em período eleitoral.

— À medida que o Estado cresce, o indivíduo diminui.

— Não logrando realizar o que anela, o “progresso” batiza anelo o que realiza.

— A técnica não realiza os velhos sonhos do homem, só os remeda com ironia.

— Quando se deixe de lutar pela posse da propriedade privada, lutar-se-á pelo usufruto da propriedade coletiva.

— A mobilidade social ocasiona a luta de classes.

O inimigo das classes altas não é o inferior carente de toda a possibilidade de ascensão, mas o que não logra ascender quando outros ascendem.

— Certa maneira desdenhosa de falar do povo denuncia o plebeu disfarçado.

- O homem crê que sua impotência é a medida das coisas.
- A autenticidade do sentimento depende da clareza da idéia.
- O vulgo admira mais o confuso que o complexo.
- Pensar sói reduzir-se a inventar razões para duvidar do evidente.
- Negar-se a admirar é a marca da besta.
- O que renuncia parece impotente àquele que é incapaz de renunciar.
- Não há substituto nobre para a esperança ausente.
- Mais seguramente que uma riqueza, há uma pobreza maldita:
– a do que não sofre por ser pobre, mas por não ser rico; a do que tolera satisfeito todo infortúnio compartilhado; a do que não deseja aboli-la, mas abolir o bem que inveja.
- O homem prefere desculpar-se com a culpa alheia a desculpar-se com a inocência própria.
- O tempo é menos temível porque mata que porque desmascara.
- As frases são pedrinhas que o escritor lança na alma do leitor.
O diâmetro das ondas concêntricas que deslocam depende das dimensões do tanque.
- O gênio é a capacidade de lograr, sobre nossa imaginação estancada, o impacto que qualquer livro tem sobre a imaginação de uma criança.

— O filósofo não é arauto de sua época, e sim anjo cativo no tempo.

— Ter razão é uma razão a mais para não alcançar nenhum êxito.

— As perfeições de quem amamos não são ficções do amor. Amar é, ao contrário, o privilégio de perceber uma perfeição invisível a outros olhos.

— Nem a religião se originou na urgência de assegurar a solidariedade social, nem as catedrais foram construídas para fomentar o turismo.

— Tudo é trivial se o universo não está comprometido numa aventura metafísica.

— Quanto mais graves os problemas, maior o número de ineptos que a democracia chama para resolvê-los.

— A legislação que protege minuciosamente a liberdade estrangula as liberdades.

— Mais repulsivo que o futuro que os progressistas involuntariamente preparam é o futuro com que sonham.

— A presença política da multidão culmina sempre num apocalipse infernal.

— Luta contra a injustiça que não culmine em santidade culmina em convulsões sangrentas.

— A política sábia é a arte de revigorar a sociedade e de debilitar o Estado.

— A importância histórica de um homem raras vezes é compatível com sua natureza íntima.

A história está cheia de bobos vitoriosos.

— Espasmos de vaidade ferida, ou de cobiça reprimida, as doutrinas democráticas inventam os males que denunciam para justificar o bem que proclamam.

— A história sepulta, sem os resolver, os problemas que suscita.

— O escritor procura que a sintaxe devolva ao pensamento a simplicidade que as palavras roubam.

— Ninguém possui capital sentimental suficiente para desperdiçar o entusiasmo.

— A momentânea beleza do instante é o único que concorda no universo com o afã de nossas almas.

— Na sociedade medieval, a sociedade é o Estado; na sociedade burguesa, Estado e sociedade se enfrentam; na sociedade comunista, o Estado é a sociedade.

— O acaso regerá sempre a história, porque não é possível organizar o Estado de maneira que não importe quem mande.

— Começamos elegendo porque admiramos e terminamos admirando porque elegemos.

— Uma providência compassiva reparte a cada homem seu emburrecimento cotidiano.

— A maior astúcia do mal é sua mudança em deus doméstico e discreto, cuja presença caseira reconforta.

— A vulgaridade consiste em pretender ser o que não somos.

— A idéia inteligente produz prazer sensual.

— O livro não educa a quem o lê com o fim de educar-se.

— O prazer é o relâmpago irrisório do contato entre o desejo e a nostalgia.

— Para as circunstâncias comovedoras, só servem os lugares comuns. Uma canção imbecil expressa melhor uma grande dor que um verso nobre.

A inteligência é atividade de seres impassíveis.

— A sabedoria não consiste em moderar-se por horror ao excesso, mas por amor ao limite.

— Não é certo que as coisas valham porque a vida importa. Ao contrário, a vida importa porque as coisas valem.

— A verdade é o deleite da inteligência.

— No autêntico humanismo se respira a presença de uma sensualidade discreta e familiar.

— Quem não dê as costas ao mundo atual se desonra.

— A sociedade premia as virtudes chamativas e os vícios discretos.

— Só temos as virtudes e os defeitos que não suspeitamos.

— A alma cresce para dentro.

— Para escusar seus atentados contra o mundo, o homem resolveu que a matéria é inerte.

— Só vive sua vida quem a observa, pensa-a e dela fala; aos demais, a vida os vive.

— Escrever curto, para concluir antes de enjoar.

— Nossa maturidade necessita reconquistar sua lucidez diariamente.

— Pensar costuma ser resposta a um atropelo mais que a uma interrogação.

— O ironista desconfia do que diz sem crer que o contrário seja certo.

— A beleza não surpreende, cumula.

— O espírito busca na pintura um enriquecimento sensual.

— A sabedoria consiste em resignar-se ao único possível sem proclamá-lo o único necessário.

— Só uma coisa não é vã: a perfeição sensual do instante.

— O herói e o covarde definem de igual maneira o objeto que percebem de maneira antagônica.

— Que importa que o historiador diga o que os homens fazem, quando não sabe contar o que sentem?

— O prestígio da “cultura” faz comer ao tolo sem fome.

— Tão imbecil quanto o homem sério é o inteligente que não o é.

— A história não mostra a ineficácia dos atos, mas a vaidade dos propósitos.

— Quem ignora que dois adjetivos contrários qualificam simultaneamente todo objeto não deve falar de nada.

— Os argumentos com que justificamos nossa conduta costumam ser mais estúpidos do que nossa conduta mesma.

É mais suportável ver os homens viverem que ouvi-los opinar.

— O homem só quer a quem o adula, mas só respeita a quem o insulta.

— Chama-se boa educação aos hábitos provenientes do respeito ao superior transformados em trato entre iguais.

— A estupidez é o anjo que expulsa o homem de seus momentâneos paraísos.

— Desprezar ou ser desprezado é a alternativa plebéia da vida de relação.

— Basta que umas asas nos rocem para que medos ancestrais ressuscitem.

— Pensar como nossos contemporâneos é a receita da prosperidade e da estupidez.

— A pobreza é a única barreira ao tropel de vulgaridades que relincham nas almas.

— Educar o homem é impedir-lhe a “livre expressão de sua personalidade”.

— Deus é a substância do que amamos.

— Necessitamos que nos contradigam para afinar nossas idéias.

— A sinceridade corrompe de uma só vez as boas maneiras e o bom gosto.

— A sabedoria se reduz a não ensinar a Deus como se devem fazer as coisas.

— Algo divino aflora no momento que precede o triunfo e no que segue o fracasso.

— A literatura toda é contemporânea para o leitor que sabe ler.

— A prolixidade não é excesso de palavras, mas escassez de idéias.

— Tão repetidas vezes enterraram a metafísica que é preciso julgá-la imortal.

- Um grande amor é uma sensualidade bem ordenada.
- Chamamos egoísta a quem não se sacrifica a nosso egoísmo.
- Os preconceitos de outras épocas nos são incompreensíveis quando os nossos nos cegam.
- Ser jovem é temer que nos julguem estúpidos; amadurecer é temer sê-lo.
- A humanidade acredita remediar seus erros reiterando-os.
- O que menos compreende é o que se obstina em compreender mais do que se pode compreender.
- Civilização é o que os velhos conseguem salvar da investida dos idealistas jovens.
- Nem pensar prepara para viver, nem viver prepara para pensar.
- O que cremos nos une ou nos separa menos que a maneira de crê-lo.
- A nobreza humana é obra que o tempo às vezes lavra em nossa ignomínia cotidiana.
- Na incoerência de uma constituição política reside a única garantia autêntica de liberdade.
- Depender só da vontade de Deus é nossa verdadeira autonomia.
- A eloquência é filha da presunção.

— Negar-nos a considerar o que nos repugna é a mais grave limitação que nos possa ameaçar.

— Todos tratamos de subornar nossa voz, para que chame erro ou infortúnio ao pecado.

— O homem não cria seus deuses à sua imagem e semelhança, mas se concebe à imagem e semelhança dos deuses em que crê.

— A idéia alheia só interessa ao tolo quando toca seus problemas pessoais.

— Se Deus fosse a conclusão de um raciocínio, não sentiria necessidade de adorá-lo.

Mas Deus não é somente a substância do que espero, e sim a substância do que vivo.

— Que modéstia requer-se para só esperar do homem o que o homem deseja!

— Quem não teme que o mais trivial de seus momentos presentes pareça um paraíso perdido a seus anos vindouros?

— Elegância, dignidade, nobreza são os únicos valores que a vida não consegue desprezar.

— Uma vida intelectual veraz e austera nos arranca das mãos artes, letras, ciências, para reduzir-nos à direta confrontação com o destino.

— O desespero é o desfileiro sombrio por onde a alma ascende até um universo que a cobiça já não empana.

— Nada mais perigoso que resolver problemas transitórios com soluções permanentes.

— A sombra do orgulho sufoca a germinação de mil vilezas.

— As desigualdades naturais amargariam a vida do democrata, se a difamação não existisse.

— Certa cortesia intelectual nos faz preferir a palavra ambígua. O vocábulo unívoco submete o universo a sua arbitrária rigidez.

— A causa das burrices democráticas é a confiança no cidadão anônimo; e a causa de seus crimes é a confiança do cidadão anônimo em si mesmo.

— A arte nunca enfara porque cada obra é uma aventura que nenhum êxito prévio garante.

— Escrever seria fácil se a mesma frase não parecesse, alternativamente, segundo o dia e a hora, medíocre e excelente.

— O repúdio nos inquieta e a aprovação nos confunde.

— As amizades duradouras soem necessitar fraquezas compartilhadas.

— O problema autêntico não exige que o resolvamos, mas que tratemos de vivê-lo.

— As agitações populares carecem de importância enquanto não se convertem em problemas éticos das classes dirigentes.

— A novela acrescenta à história sua terceira dimensão.

— Nenhuma cidade revela sua beleza enquanto sua torrente diurna a percorre.

A ausência do homem é a condição última da perfeição de toda coisa.

— Nada mais raro que quem afirma ou nega não exagere para elogiar ou ferir.

— Que rotineiro seja hoje insulto comprova nossa ignorância na arte de viver.

— Os que se equivocam parcialmente nos irritam, os que se equivocam inteiramente nos divertem.

— Entre adversários inteligentes existe uma secreta simpatia, já que todos devemos nossa inteligência e nossas virtudes às virtudes e à inteligência de nosso inimigo.

— O homem mais desesperado é somente o que melhor esconde sua esperança.

— Toda velhice nos vinga de nossa velhice, menos a velhice dos que amamos.

— Ainda que a humildade não nos salvasse do inferno, em todo caso nos salva do ridículo.

— Ser capazes de amar algo distinto de Deus demonstra nossa mediocridade indelével.

— No silêncio da noite, o espírito esquece o corpo minado que o aprisiona e, consciente de sua imperecível juventude, se julga irmão de toda terrestre primavera.

— Ninguém carece totalmente de qualidades capazes de despertar nosso respeito, nossa admiração ou nossa inveja.

Quem pareça incapaz de dar-nos exemplo foi negligentemente observado.

— Dos seres que amamos, sua existência nos basta.

— O historiador norte-americano não pode escrever história sem lamentar que a providência não o tenha consultado previamente.

— Não é a origem das religiões ou sua causa o que requer explicação, mas a causa e a origem de seu obscurecimento e de seu esquecimento.

— Através de mil coisas nobres perseguimos, às vezes, somente o eco de alguma trivial emoção perdida.

Morará meu coração eternamente sob a sombra do vinhedo, perto da mesa rústica e em frente ao esplendor do mar?

— Participar em empreendimentos coletivos permite empanturrar o apetite sentindo-se desinteressado.

— O cimento social é o incenso recíproco.

— O homem não se sentiria tão desgraçado se lhe bastasse desejar, sem fingir ter direitos ao que deseja.

— A vaidade não é afirmação, mas interrogação.

— A promessa mais insensata nos parece devolução de um bem perdido.

— Criticar o burguês recebe aplauso em dobro: o do marxista, que nos julga inteligentes porque corroboramos seus preconceitos; e o do burguês, que nos julga corretos porque pensa em seu vizinho.

— A feiúra de um objeto é condição prévia de sua multiplicação industrial.

— O moderno ambiciona substituir com objetos comprados o que outros tempos esperavam da cultura metódica dos sentimentos.

— Outras épocas foram talvez vulgares como a nossa, mas nenhuma teve a fabulosa caixa de ressonância, o amplificador inexorável, da indústria moderna.

— A tentação do comunista é a liberdade do espírito.

— A sabedoria mais presunçosa se envergonha ante a alma ébria de amor ou de ódio.

— Envelhecer é catástrofe do corpo que nossa covardia converte em catástrofe da alma.

— O futuro próximo trará provavelmente extravagantes catástrofes, mas o que mais seguramente ameaça o mundo não é a violência de multidões famélicas, e sim a saciedade de massas tediosas.

— Atribuir à velhice a borra acumulada de uma vida é o consolo dos velhos.

— A delicadeza moral se veda a si mesma coisas que concede aos demais.

— Ceder a tentações nobres evita render-se a tentações baixas.

— Vencer um burro nos humilha.

— O trânsito de um livro a outro livro se faz através da vida.

— As palavras não comunicam, recordam.

— O homem se arrasta através das decepções apoiado em pequenos êxitos triviais.

— Longe de garantir a Deus, a ética não tem suficiente autonomia para garantir-se a si mesma.

— Como pode viver quem não espera milagres?

— As ambições legítimas se envergonham e se demitem em meio ao tropel de ambições fraudulentas.

— O veneno do desejo é o alimento da paixão.

— Reformar aos demais é ambição de que todos se mofam e que todos abrigam.

— A trivialidade é o preço da comunicação.

— Antipatia e simpatia são as atitudes primordiais da inteligência.

— Todo fenômeno tem sua explicação sociológica, sempre necessária e sempre insuficiente.

— Os livros não são ferramentas de perfeição, mas barricadas contra o tédio.

— Pensar que só importam as coisas importantes é indício de barbárie.

— Sobre nossa vida influem exclusivamente as verdades pequenas, as iluminações minúsculas.

— Porque não entende a objeção que o refuta, o tolo se crê corroborado.

— O que desperta nossa antipatia é sempre uma carência.

— Muito poema moderno não é obscuro como um texto sutil, mas como uma carta pessoal.

— Vivemos porque não nos olhamos com os olhos com que os demais nos olham.

— Vivemos enquanto cremos cumprir as promessas que descumprimos.

— A palavra não foi dada ao homem para enganar, mas para enganar-se.

— As realidades espirituais comovem com sua presença, as sensuais com sua ausência.

— Não devemos concluir que tudo é permitido se Deus não existe, mas que nada importa.

As autorizações resultam irrisórias quando os significados se anulam.

— A crítica decresce em interesse quanto mais rigorosamente lhe fixem suas funções. A obrigação de ocupar-se só de literatura, só de arte, a esteriliza.

Um grande crítico é um moralista que passeia entre livros.

— Pregam as verdades em que crêem ou as verdades em que crêem dever crer?

— A fé que não saiba zombar de si mesma deve duvidar de sua autenticidade.

O sorriso é o solvente do simulacro.

— Quem não se compadece da dor de quem se sente repudiado? Mas, quem medita sobre a angústia do que se teme escolhido?

— Discrepar é risco que não deve assumir senão a consciência madura e precavida.

A sinceridade não protege nem do erro, nem da burrice.

— Ninguém é inocente nem do que faz nem do que crê.

— Capacidade destruidora do sorriso do imbecil.

— O povo não elege quem o cura, mas quem o droga.

— A vida compassiva concede, às vezes, soluções que certo pudor intelectual obriga a rejeitar.